



“

Portugal é a descoberta
da década. /
Portugal is the discovery
of the decade.

”



NICHOLAS VON BRUEMMER

SUÍÇO / SWISS

/// Veio de Zurique para tomar conta da quinta do avô em Colares. Agora lança um rosé em seu nome, rodeado de rosas e em frente ao mar.

/// He came from Zurich to take care of his grandfather's farm in Colares. Now, he's launching a rosé in his name, surrounded by roses overlooking the sea.

por / by **PATRICIA BARNABÉ**
foto / photo **JORGE SIMÃO**

Nicholas está na sua sala clássica e cheia de luz, uma linha azul de mar perfeitamente desenhada nas janelas. “Hoje é um dia especial. Procurei manter o legado do meu avô, que não era um vinicultor comum, mas um pouco doido: quis fazer vinho numa das zonas mais difíceis de Portugal”, sorri. “Mas consegui, e é um prazer estar aqui a celebrá-lo”, ergue o copo e seguimo-lo com o nosso Chardonnay fresco, ainda não era hora de almoço. O Casal de Santa Maria, em Colares, é de 1720, foi uma quinta vinícola até 1903 e Bodo von Bruemmer comprou-a, em 1962, tirando-a das ruínas. Fez criação de cavalos árabes, entrou em corridas internacionais e, em 2006, depois de um problema de saúde, voltou a plantar a vinha. Tinha 96 anos (viveu até aos 105). A vinha está aninhada num declive que recebe a nortada vinda do oceano, com mineralidade e salinidade, frescura e acidez; os tintos estão mais acima, resguardados do vento, onde faz mais calor. O jardim é pontilhado por hortênsias azuis e descobre-se um recanto do século XVIII onde as senhoras da nobreza se refrescavam e combinavam encontros secretos. O barão Bodo perdeu a esposa Rosario em 1994 e plantou-lhe seis mil rosas, que emolduram as vinhas numa beleza de matizes delicadas. “É bonito, não é?”, comenta Nicholas sentado ao nosso lado ao almoço, “há três semanas estavam uaaau.”

Neste *ladies lunch* o novo barão apresenta o seu primeiro vinho, chama-se Mar de Rosas, um anfitrião suave e equilibrado, com personalidade e o tom rosa certo. “Adoro vinho, mas sou *fussy* com rosés”, bebe-os desde os 20 anos, assistiu à sua evolução e hoje quer mostrar que pode fazer tão bem como os franceses, com a “frescura do mar e um pouco de sal” português. “Claro que há o marketing, mas se puseres o teu coração num vinho, funciona. Vivemos num mundo demasiado rápido de consumo e globalização, há que desacelerar para nos darmos a hipótese de voltar a pensar”. A contrariar essa avidez, Nicholas quer praticamente oferecer estas duas mil garrafas de edição limitada: “Vou distribuí-las”, sorri, “quero que as pessoas conheçam. Deves ser feliz quando bebes, é esse o meu sonho: não estou aqui pelo negócio, muito menos pelo dinheiro, mas pelo prazer. Se exporto, não assisto nem participo na felicidade de o beber”. “Sou melhor bebedor que produtor!”

Nicholas começou a vir a Portugal com 20 anos, de férias, no princípio dos anos 80, o país “ainda estava adormecido. Lembro-me de demorar uma hora para vir do aeroporto para Sintra e do meu avô dizer: “Fiquem no Tivoli, [no Palácio de Seteais] para chegarem aqui é mais meia hora!”, risos. Cresceu entre a Suíça e Espanha, na Andaluzia, e esta acabou por ser a sua casa. “Para mim Portugal era aquele vizinho estranho e permaneceu assim algum tempo.” Nos anos 90, começou a passar mais tempo com o avô e quando este ficou sozinho

Nicholas is speaking in a bright, classically decorated room, whose windows offer the sight of a perfectly-formed blue line of sea. “Today is a special day. I sought to maintain the legacy of my grandfather, who wasn’t your average winegrower, but rather an eccentric: he wanted to make wine in one of the most difficult areas of Portugal”, he smiles. “However, he succeeded, and it’s a pleasure to be here to celebrate the achievement”. Nicholas raises his glass and we follow suit with our chilled Chardonnay. It’s not yet lunchtime. Casal de Santa Maria, in Colares, dates back to 1720 and was a wine estate until 1903. Bodo von Bruemmer bought it in 1962 and began reviving its fortunes, breeding Arabian horses, entering international horse races and, in 2006, after a health problem, planting vineyards again. He was 96 years old (he lived to 105).

The vineyard nestles into a slope where you can feel the wind come off the ocean, bringing with it minerality and salinity, freshness and acidity; the reds are higher up, sheltered from the wind, where it’s warmer. The garden is dotted with blue hydrangeas and there is an 18th-century nook where noblewomen cooled themselves and enjoyed secret trysts. When Baron Bodo lost his wife Rosario in 1994, he planted six thousand roses in her name, which frame the vines with delicate hues. “It’s beautiful, isn’t it?” says Nicholas, sitting next to us at lunch, “three weeks ago, they were just wow.”

At this ladies’ lunch, the new baron presents his first wine (Mar de Rosas), which proves smooth and balanced with character and the right hint of pink. “I love wine, but I’m fussy with rosés”. He has drunk them since his twenties, has seen how they have developed and today wants to show that he can make them as well as the French, with the Portuguese “freshness of the sea and a little salt”. “Of course, there’s marketing, however, if you put your heart into a wine, it works. We live in an overly-fast world of consumption and globalisation, we need to slow down, so we have the chance to think again”. To counter this eagerness, Nicholas wants to practically give away this limited edition of 2,000 bottles: “I’m going to distribute them”, he smiles, “I want people to know them. You should be happy when you drink it, that’s my dream: I’m not here for business reasons, even less so for the money, but for pleasure. If I export, I don’t see or participate in the joy of drinking it”. “I’m a better drinker than producer!”

When Nicholas began visiting Portugal on holiday in the early 1980s, aged 20, the country “was still asleep. I remember taking an hour from the airport to Sintra and my grandfather saying: “Stay at the Tivoli, [in Palácio de Seteais] for you to get here, it’s an extra half an hour!”, he laughs. He grew up between Switzerland and Spain, in Andalusia, and this ended up becoming home. “For me, Portugal was a strange neighbour and remained so for some time.” In the 1990s, he began spending more time with his grandfather and when he was widowed, Nicholas moved to Portugal for six months.

AINDA A DESCOBRIR PORTUGAL / STILL DISCOVERING PORTUGAL

🌿 Este verão, Nicholas von Bruemmer vai com um amigo ao Porto e ao Douro, para visitar colegas produtores e descobrir novos vinhos. “Estou superexpectante e sei que me vou apaixonar”, diz. Também quer conhecer o lugar onde se fazem os Alvarinhos, a casta de brancos nobres do norte de Portugal. Depois desce com a família até ao Algarve, “ouvi dizer que é lindo”. Adora Évora, a Comporta, passear por Lisboa, “pela sua diversidade de oferta cultural e tantos lugares para visitar. Toda a gente me diz que este país é muito bonito”.

🌿 This summer, Nicholas von Bruemmer is going to Porto and the Douro with a friend to visit fellow producers and discover new wines. “I can’t wait and I know I’m going to love it”, he says. He also wants to visit the place where they make Alvarinhos, the grape variety used for the finest white in Northern Portugal. Then, he’s heading south with his family to the Algarve, “I’ve heard it’s gorgeous”. He loves Évora, Comporta, wandering around Lisbon, “for its diversity of culture and different places to visit. Everyone tells me that this country is very beautiful”.



/// **O avô dizia-lhe: “Vais ver, Portugal vai ser o melhor país da Europa’. Eu ria-me, mas ele tinha razão, pensava sempre 20 anos à sua frente”.**
 /// **His grandfather used to tell him: ‘You’ll see, Portugal is going to be the best country in Europe’. I would laugh, but he was right, he was thinking 20 years ahead.”**

> Nicholas mudou-se meio ano. “Às vezes chovia três ou quatro meses seguidos, combinado com o facto de eu ter 32 anos e o meu avô ter quase 90 e adorar ficar em casa... Mas dizia-me: ‘Vais ver, Portugal vai ser o melhor país da Europa’. Eu ria-me, ahahaha, mas ele tinha razão, ele pensava sempre 20 anos à sua frente.”

Há um ano e meio, Nicholas tomou as rédeas de Santa Maria, vindo de Zurique, único herdeiro. Trabalhava em gestão de património na Suíça, “geria dois bilhões de dólares, o que é muito dinheiro, mas não te faz feliz. Era interessante porque lidas com o ramo imobiliário, bolsa, *commodities*, energia limpa, mas às vezes acordava a meio da noite e pensava: ‘Se calhar também é bom ser apenas um pequeno vinicultor’. A única coisa chata é que agora tenho 50 fatos cinzentos no meu armário que não uso. Não tenho saudades nenhuma. Claro que às vezes sinto falta do desafio intelectual, de resto é só dinheiro. Agora não me quero ir embora e nunca viajei tão pouco. Antes estava três a quatro vezes por semana num avião para trabalhar em Londres. Agora tiraram-me o cartão *frequent flyer* de platina! [risos]. Sou feliz aqui.”

“O que gosto mais, de longe, em Portugal, é este ter mantido de forma exemplar este modo de fazer as coisas à antiga. As coisas básicas: começa na maneira como o padeiro que te traz o pão de manhã fala contigo, ou na forma como se protegeram as praias. Os portugueses continuam a manter o seu país *low key* de uma forma exemplar, como se não fosse nada de especial.” O casal von Bruemmer enturmou-se rapidamente: “Quando fazemos festas, 80 por cento dos convidados são portugueses – e são fantásticos! Vocês sofreram nos últimos anos, mas saíram bem da crise. A nova geração é cheia de ideias novas e espírito positivo, nada pode correr mal”, diz otimista. Ao mesmo tempo, adora que tudo aqui leve o seu tempo “nada é demasiado superficial: aproveitais os momentos, os lugares e as sensações, as coisas que quase todos esquecemos nas últimas décadas, num mundo rápido e competitivo, as regras básicas da vida. Portugal traz-nos esses sentimentos de volta e é isso que o torna tão especial.” Acrescenta: “É claro que, às vezes, este ‘com calma’ também é do que gosto menos, mas é o que vai evitar a destruição do país. Portugal é a descoberta da década”. ☞

casalstamaria.pt

> “Sometimes, it rained three or four months in a row, combined with the fact I was 32 and my grandfather was almost 90 and loved staying at home... But he used to say: ‘You’ll see, Portugal is going to be the best country in Europe’. I would laugh, but he was right, he was thinking 20 years ahead.”

A year and a half ago, Nicholas moved from Zurich and took the helm of Santa Maria, as the only heir. He used to work in asset management in Switzerland. “I managed two billion dollars, which is a lot of money, but it doesn’t make you happy. It was interesting because you deal with real estate, the stock market, commodities, clean energy, but, sometimes, I would wake up in the middle of the night and think: ‘Maybe it’s also good to be a small winegrower’. The only annoying thing is that I now have 50 grey suits in my wardrobe that I don’t wear. I don’t miss it at all. Of course, I sometimes miss the intellectual challenge, apart from that, it’s only money. Now I don’t want to leave, and I’ve never travelled so little. Before, three or four times a week, I was on plane to work in London. Now, they’ve taken my platinum frequent flyer card away! [laughs]. I’m happy here.”

“What I like most about Portugal, by a mile, is the fact that the country has maintained this exemplary way of making things the old-fashioned way. The basic things: it starts with the way the baker who brings you the morning bread talks to you, or the way the beaches have been protected. The Portuguese continue to keep the country low key, as if it were nothing special.” The von Bruemmer couple soon adapted: “When we have parties, 80 per cent of the guests are Portuguese – and they’re fantastic! You have had a hard time in recent years, but you came out of it well. The younger generation is full of new ideas and positive spirit, nothing can go wrong”, he says, optimistically. At the same time, he loves the fact that everything takes its time here, “nothing is too superficial: you enjoy the moments, the places and the feelings, the things that almost all of us have forgotten over recent decades, in a quick and competitive world, the basic rules of life. Portugal brings those feelings back and that’s what makes it so special.” He adds: “Of course, sometimes, this calm is also what I like the least, but it’s what will prevent the country’s destruction. Portugal is the discovery of the decade”. ☞

OS RESTAURANTES / THE RESTAURANTS

/// Nicholas e a mulher, Miryam, vêm a Lisboa ao JNcQUOI, que “reflete o ambiente de um novo Portugal, com as suas energias positivas e o design fantástico”, ou ao Aqui há Peixe, que “é sempre encantador”. Depois, gostam dos restaurantes junto às praias de Sintra, como o Búzio, na Praia das Maças, “é como viajar no tempo, esperemos que fiquem abertos para sempre. Há muitos bons restaurantes em Portugal”.

/// When in Lisbon, Nicholas and his wife Miryam like JNcQUOI, which “reflects the ambience of a new Portugal, with its positive energy and fantastic design”, and Aqui há Peixe, which “is always charming”. They also like restaurants near the beaches of Sintra, like Búzio, at Praia das Maças, which “is like travelling back in time. Let’s hope they stay open forever. There are lots of good restaurants in Portugal”.

jncquoi.com // aquihapeixe.pt // buzio.pt



JNcQUOI